

# O DESCASO COM OS LIVROS NO BRASIL – BREVE HISTÓRIA

## THE DISREGARD TO BOOKS IN BRAZIL – A BRIEF ACCOUNT

OTO DIAS BECKER REIFSCHEIDER<sup>1</sup>

### Resumo:

A história do descaso com os livros no Brasil ainda está para ser contada. Seus causos, no entanto, são tão antigos quanto a presença do livro no país, que toma vulto no final do período Colonial. Neste artigo foram compilados alguns desses causos, tirados tanto da literatura especializada, embasada em relatos históricos, quanto de depoimentos em primeira mão. Importa mostrar que o problema não é apenas histórico, mas atual, e precisa ser sanado o quanto antes, para que não tenhamos perdas irreparáveis à construção da cultura brasileira.

**Palavras-chave:** biblioteca, conservação, história do livro, estudos do livro, Brasil.

### Abstract:

*The story about the disregard that book collections in Brazil have faced is yet to be told. Its episodes, however, are as old as the presence of books themselves in the country, a presence which expands by the end of the Colonial period. A few of those episodes, found in specialized literature or based on historical facts as well as on firsthand testimonies, were compiled in this article. It is important to stress that the problem is not just historical; it also is contemporary and needs to be dealt with as soon as possible so that the construction of Brazilian culture does not suffer irreparable losses.*

**Keywords:** Library; Conservation; Book history; Book studies, Brazil.

Todos os governos estrangeiros protegem as letras patrias, porque cohecem que pelo progresso d'ellas, é que são considerados; o governo do Brasil segue outra via, porque só favorece as tretas (...) (MELLO MORAES, 1881, p. X)

Talvez seja a pouca familiaridade, a pouca intimidade que temos com o livro e a leitura, refletida em nosso descaso geral com o objeto livro. Essa é uma longa história, que pode ser traçada às bibliotecas jesuíticas abandonadas com a expulsão da Ordem pelo Marquês de Pombal em 1759 e ao abandono de outras tantas coleções coloniais, principalmente de ordens religiosas, das quais provavelmente não teremos nunca notícias. Boa parte dos livros que herdaríamos do Brasil Colônia, assim como parte significativa do que foi impresso e do que aqui chegou durante o Império, se desfez pelo descaso passivo ou pela ignorância ativa, como veremos.

---

1 – Doutor em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília. Membro da Associação Brasileira de Bibliófilos, editor da revista *Biblion* – estudos do livro. E-mail: oto\_dias@yahoo.com

A sentença de morte para os conventos, no entanto, foi dada com a circular de 19 de maio de 1835 do governo imperial, proibindo o noviciado (Moraes, 2006, p. 24). Rubens Borba de Moraes menciona o trabalho de Daniel Pedro Muller sobre os conventos paulistas, no qual relatava que alguns sequer tinham monges em suas premissas – estavam absolutamente desprotegidos. Menos de vinte anos após o trabalho de Muller, um de nossos mais cultuados escritores românticos, Gonçalves Dias, preocupou-se com a questão das bibliotecas quando circulou pelo Maranhão trabalhando num levantamento do que ainda havia por lá:

“Quanto á parte litteraria, é o convento de Santo Antonio o que mais avulta, contendo uma bibliotheca de quasi 2,000 volumes; mas por negligencia, acham-se muitos, quasi todos, damnificados a ponto de não poderem servir. Estão arrumados em sete ou oito estantes sem ordem alguma e collocados em uma sala incommoda para o estudo, por ser vivamente ferida pelo sol, sem uma mesa de estudo, sem uma cadeira, sem um castiçal, entre lanternas de varões quebrados e paramentos de igreja, que já para nenhum uso prestam. (...) Não havendo um catalogo na bibliotheca, tive de percorrer os volumes um por um, para que ao menos soubesse o que elles continham, e na esperança de encontrar entre elles livros dos que faltam nas nossas principaes bibliothecas, ou algum manuscripto esquecido. Nada disso: são volumes de theologia casuistica, de philosophia rançosa, que ao abrir-se pareciam estranhar e queixar-se da mão, que os importunava no descanso morto, em que jaziam.(...) Eis a livraria de Santo Antonio, que é a melhor de todas as de ordens religiosas no Maranhão. (Dias, 1853, p. 371-372)”<sup>2</sup>

Outro descaso, dessa vez pontual, que abrange *grosso modo* o mesmo período, foi registrado pelo bibliógrafo português Inocêncio Francisco da Silva:

“Em 1761, frei Antônio de Santa Maria Jaboatão mandou imprimir em Lisboa seu *Orbe serafico novo brasilico*. Saiu um bellissimo livro, admiravelmente impresso em excelente papel. Grande parte da edição foi mandada para Pernambuco e ficou encaixotada no convento, tal

2 – Este trecho está entre os citados por Rubens Borba de Moraes. O relatório completo de Gonçalves Dias foi também reproduzido na *Revista de Biblioteconomia de Brasília*, em 1973.

como viera de Portugal, até 1840. Inútil dizer que poucos volumes foram salvos. A umidade e os insetos destruíram a maior parte. (Moraes, 2006, p. 25)”

No entanto, o relato mais revelador do cruel destino de nossos livros durante o século XIX, por sua riqueza de detalhes, pode ser encontrado na *Phytographia* do dr. Mello Moraes<sup>3</sup>, publicada em 1881 pela Garnier, no Rio de Janeiro:

“A *Flora Fluminense* do celebre Franciscano *Frei José Marianno da Conceição Velloso*, que se mandou gravar e imprimir em Pariz por conta do Estado, com cujas estampas se gastaram *um milhão de cruzados* (mais de dous milhões de francos<sup>4</sup>) pouco se distribuiu, porque foram abandonadas em Pariz, e alli serviram para forrar as barretinas dos soldados francezes, e a parte que veio para o Rio de Janeiro, foi atirada no pavimento terreo da Secretaria da Justiça, onde muitas estampas apodreceram, e o resto foi vendido, para com ellas se fabricar papel de embrulho. (Vide adiante *Flora Fluminense*.) (Mello Moraes, 1881, p.3)”

Mello Moraes, em seu livro, escreveu um capítulo intitulado *Historia da Flora Fluminense*, exclusivamente sobre o caso:

“Acabada a obra, consta-me, que se mandaram para o Rio de Janeiro 500 exemplares; ficando em Pariz 1,500; os quaes, não sendo reclamados, foram entregues, não sei a quem, e dos quaes salvaram-se algumas collecções; e por fim, se reconhecendo, que essas estampas não eram mais procuradas, foram vendidas ou dadas, ao chapeleiro que fornecia barretinas, para o exercito francez, o qual forrou com as estampas, as que estava fazendo para os soldados do exercito.

Os 500 exemplares, que vieram para o Rio de Janeiro, foram parar no saguão da secretaria de Estado dos negocios da justiça, (em frente do

3 – Importante homem de letras, Alexandre José de Mello Moraes Filho (1844-1919) escreveu, entre outros, *Festas e tradições populares do Brazil*. Sua bibliografia completa pode ser consultada em: [http://objdigital.bn.br/acervo\\_digital/div\\_obrasraras/or1292556/or1292556.pdf](http://objdigital.bn.br/acervo_digital/div_obrasraras/or1292556/or1292556.pdf)

4 – Apenas para se ter uma ideia aproximada de quão alto era esse valor, segundo Jean Monange, em 1830 um franco equivaleria a pouco mais de 2 euros, i.e., a edição custara em valores atuais, mais de 9 milhões de reais.

Passeio Publico), onde permaneceram apodrecendo, pela humidade ; fazendo-se presente de alguns exemplares, a uma ou outra pessoa, que pedia. - Ninguém subscreveu á obra do famoso religioso, e naturalista mineiro, á excepção do tenente-general Joaquim de Oliveira Alves (ministro da guerra em 1822.)” (Mello Moraes, 1881, p. IX)

A Flora Fluminense não foi, infelizmente, caso único:

“D’este mesmo sabio franciscano, vieram para o Brasil, de Lisboa, um grande numero de exemplares da sua importante obra *O fazendeiro do Brasil*, e outras impressas em Lisboa, na *Typographia do Arco do Cego* ; e consta-me, que por ordem superior, sendo repartida por varias capitánias, á serem distribuidas pelos fazendeiros, nunca sahiram das secretarias dos governos, em modo que se inutilisaram, ou antes foram bem aproveitadas pelos tres *famosos litteratos que temos*, que são Mrs. *Cupin, Tray e Bicha*, (isto é, cupim, traça e bicho.)

Memoro estes factos, porque o que tenho visto, e o que sei, depoem extraordinariamente contra as varias administrações officiaes, que tem tido o Brasil (...) (Mello Moraes, 1881, p. IX)

Não me admira o que se pratica com a impressão dos livros uteis, quando temos um aviso do ministerio da Fazenda de 18 de Janeiro de 1836, mandando entregar ao da Guerra- , todo o papel impresso, que existia na Typographia Nacional, para ser aproveitado na fabricação do cartuxame : - e realmente entregou- se, uma extraordinaria quantidade de arrobos de papel impresso, indo como inutil a *Historia do Brasil* do sábio Visconde do Cayrú, as *Memorias* do padre Luiz Gonçalves, os *Annaes do Rio de Janeiro* do Dr. Balthazar da Silva Lisboa; as *Memorias do Rio de Janeiro* de Monsenhor Pizarro; as de Fr. Leandro do Sacramento, sobre a cultura do chá, e outras obras de merecimento, impressas na Typographia Nacional, desde 1808 á 1836 !!!

No dia 14 de Janeiro de 1861, a Typographia Nacional annunciou á venda em leilão de 2,950 arrobos de impressos, indo entre elles alguns exemplares da *Flora Fluminense*.” (Mello Moraes, 1881, p. X-XI)

No testemunho de Mello Moraes, o Rio de Janeiro teve destaque não só por ser sua morada, mas por ser o maior depositário de livros do país. A mais importante de nossas instituições livreiras, a Biblioteca Nacional, infelizmente não tem – assim como as outras instituições apresentadas – uma história ilibada. Plínio Doyle, que fora diretor da Biblioteca,

“Logo no início da sua gestão, (...) encaminhou ao Ministro da Educação uma exposição de motivos chamada “Plano de Salvação da Biblioteca Nacional”. Nela, contemplava áreas que considerava estratégicas para a instituição atingir seus objetivos, tais como: novo prédio, pessoal, restauração e encadernação. (Rangel, 2008, p. 33)”

Ao relembrar o bibliotecário Olímpio Matos, Doyle conta a seguinte história:

“Sob a orientação do velho e competente funcionário Mário Luz, meu amigo, estava designado para ajudar na tentativa de organização da imensa “velharia” do quinto andar, para onde eram encaminhados os livros, revistas e demais publicações considerados, sem qualquer exame prévio dos volumes, desnecessários ou inúteis, incapazes de interessar ao fichamento e à consulta.

Meticuloso e esforçado, o Olímpio iniciou a separação do vasto material, localizando ali, entre outras raridades, a coleção Salvador de Mendonça, vários volumes preciosos, identificados pelo seu ex-libris, e expressivo conjunto de teses de doutoramento (...) (Doyle, 1999, p. 102)”

Doyle assumiu a direção da Biblioteca em abril de 1979<sup>5</sup>, permanecendo até janeiro de 1982, cargo ocupado antes pelo escritor Adonias Filho. Ele relata, entre outras coisas, que o carro do diretor era guardado no recinto da Biblioteca, ao lado dos livros, na entrada da Rua México, coisa que corrigiu; outro problema era que os funcionários esquentavam seu almoço com fogareiros a álcool, ao lado de livros e papéis – o problema

5 – Nota bibliofílica: procurando textos sobre a Biblioteca Nacional no exato momento em que dela escrevia, a 25 de novembro de 2010, pouco após as 20h, encontrei o texto que procurava de Josué Montello, sobre problemas da Biblioteca, de 1948, na Estante Virtual por 5 reais!

foi solucionado na base do berro, por um oficial do Corpo de Bombeiros. Doyle instalou em seguida “dois pequenos fornos elétricos para atender à situação.” (Doyle, 1999, p. 127) Rubens Borba de Moraes, que também fora diretor da biblioteca, havia descrito, quando de sua posse, uma situação ainda mais assombrosa, mas o relato só foi divulgado publicamente em 1974, na *Revista de Biblioteconomia*<sup>6</sup>:

“Dois fatos demonstram em que estado se acha o prédio. Percorrendo-o, logo em seguida à minha posse, perguntei ao zelador de que era feito o piso do andar térreo. Afirmou-me que de cimento, que era inútil pretender lavá-lo, pois essa cor cinzenta era a natural. Mandeí esfregar e lavar um canto. Examinei-o bem. Pareceu-me de mármore. Contra a minha opinião levantaram-se funcionários antigos, afirmando-me que era e sempre fora assim, que seria inútil a limpeza. Tempos depois, quando raspado, polido e limpo, ficou provado que era de lindo mármore branco com veios verdes.

O segundo fato não é menos espantoso. Em 1939 pintou-se toda a fachada do prédio. Em 1944 os vidros das janelas ainda traziam as manchas de cal deixadas pelos pintores. Prova de que há cinco anos não se lavavam vidros na Biblioteca.

Creio que não é preciso dizer mais para se ter uma idéia do que era a imundície do prédio. O cheiro que as privadas exalavam pelos corredores era uma das “características da nossa biblioteca”, disse-me um leitor.

A administração alegava que não limpava porque “não tinha gente”. Entretanto, no quadro figuravam 41 contínuos e serventes...”

Dessas histórias e relatos, no entanto, poderemos encontrar similares por todo o território nacional. Entre os inéditos de Alfredo de Carvalho, está um pequeno artigo “sobre o abandono dos livros em que se encontrou a Bibliotheca Publica da Bahia, em duas visitas que fez em 1891 e 1907”: *Um Cemitério de Livros*<sup>7</sup>. Encontrava-se esse artigo, como muitos outros, segundo informação de Eduardo Tavares, em Pernambuco, em mãos de

6 – Para ler o relatório completo: <http://perlocutorio.com/page12.php>

7 – (Carvalho, 1929, p. 53).

amigos do bibliófilo – até o momento não pude localizá-lo. Em uma das cartas à Oliveira Lima, porém, há referência a esse episódio:

“Visitei a Bibliotheca Publica e fiquei não sei si mais indignado do que consternado; imagine V. uns 30000 volumes, muitos delles preciosos e mesmo únicos (as antigas collecções de jornaes) á falta de estantes, amontoados sobre uma espécie de estaleiro em uma das salas baixas do palácio do governo, onde a poeira, o caruncho e a traça vão fazendo a sua obra de destruição em face da indiferença de uns vinte empregados ociosos (...)”<sup>8</sup>”

Essa não era apenas a revolta íntima de um bibliófilo; ao longo de sua vida dedicou-se à conservação da cultura nacional, ao enriquecimento de bibliotecas pernambucanas. A situação da biblioteca baiana, a mais antiga biblioteca pública do país, fundada em 1811, iria piorar: em 1912, centenária, ela foi destruída por um incêndio derivado do bombardeio sofrido pela cidade por conta de impasses políticos. Um destino menos trágico foi reservado à de Recife, após a morte do bibliófilo e a saída à frente da instituição de seu amigo e bibliotecário Eduardo Tavares. Este, na introdução à *Bibliotheca Exotico-Brasileira*<sup>9</sup> de Alfredo de Carvalho, que coligiu, trata das desventuras da Biblioteca Publica de Pernambuco, por ele dirigida até sua demissão em 1911. A Biblioteca, por conta do trabalho de Tavares, com auxílio de Alfredo de Carvalho, era uma das melhores no país. No entanto, a dedicação dos dois não foi suficiente para se contrapor à ignorância e soberba dos governantes, coisa que em nossa história não parece ter fim:

“O Marechal Dantas Barreto aniquilou o meu trabalho de 13 annos. O seu primeiro acto contra a Bibliotheca, foi retiral-a do 1º andar do edificio onde ella funccionava havia muitos annos, amplo, claro, arejado, limpo, com duas magnificas salas de leitura, para o andar terreo,

8 – Cidade de Bomfim (ex-Vila Nova da Rainha), 31 de agosto de 1907, p. 3.

9 – É interessante observar que, em suas cartas a Oliveira Lima, Alfredo de Carvalho fala da *Bibliotheca Exotico-Brasileira* como um projeto conjunto dos dois historiadores-bibliófilos. Seria preciso pesquisar os arquivos de Oliveira Lima e encontrar as suas cartas a Alfredo de Carvalho, para saber se aquele realmente começou a trabalhar no levantamento bibliográfico comentado.

humido, infecto, escuro, outrora corpo da guarda municipal, compartimento de aferição de pesos e medidas, e deposito de ferramentas e objectos de jardinagem.” (Carvalho, 1929, p. XI)

A Biblioteca, ao que parece, permaneceu abandonada até 1925. Tavares, em sua exposição, utilizou-se de um relatório preparado pelo dr. Humberto Carneiro, que naquele ano passou a dirigi-la:

“Ao assumirmos a direcção da Bibliotheca, em 1º. de Abril de 1925, a nossa impressão foi constriadora, tal a situação lastimavel, sob todos os aspectos, em que a encontramos. (...) Da direcção do Dr. Eduardo Tavares até 1925, não foi adquirido um só livro!” (Carvalho, 1929, p. XII-XIII)

Passadas poucas décadas seria abandonada, em Fortaleza, a biblioteca do Barão de Studart. O relato de Raimundo Girão sobre Studart e o destino de sua coleção é reflexo do histórico descaso brasileiro com a construção de nossa memória também na esfera privada:

“Dia por dia obtinha novos diplomas, novos papéis e os interpretava e divulgava, catalogados cuidadosamente, formando a admirável Coleção Studart, infelizmente sacrificada em parte após a sua morte.

O autor destas linhas, já ingresso no Instituto do Ceará, verificou a não existência dessa Coleção nos arquivos da sociedade e deu passos para obtê-la. Depois de pacíficas tentativas o conseguiu, mas com os olhos rasos de tristeza ante o deplorável estado de conservação em que a deparou, relegada a uma cafuné de casa em que morara o Barão e agora, realisticamente, serve de instalação de uma hospedaria de terceira classe.

Tudo em desalinho, estragado pelas águas que desciam do andar superior através do esburacado assoalho de madeira. Muitas das miscelâneas, inteiramente imprestáveis, irrecomponíveis.

Especial carinho foi empregado para salvar o mais que pudesse ser daquela congêrie constriadora, expondo-se cada papel, semanas seguidas, aos processos de enxugo à sombra, porque ao sol tudo se esmaeceria.



Ainda assim, catorze das miscelâneas não puderam, em absoluto, ser restauradas, vindo-se a perder não diminuta porção do acervo que tantas fadigas e despesas custara ao insone colecionador.

O resto, guarda-o hoje o Instituto, refeitas as encadernações e convenientemente preservadas.

Ainda mais confrangeria dizer do destino que teve a biblioteca de Studart, assim como a sua mapoteca misteriosamente desaparecida.” (Sobrinho, 1956, p. 26)

É difícil explicar como isso possa ter acontecido e como, em pouco menos de 20 anos entre sua morte e a redescoberta do arquivo, tantas coisas se tenham perdido. Terá sido descuido da família, quiçá o caminho que a coleção percorreria – coisa do gênero aconteceu com parte do registro fotográfico da família Prado, em São Paulo. De qualquer forma, os intelectuais cearenses que conheciam a coleção de Studart deveriam ter-se mobilizado para que ela fosse anexada ao Instituto, seja por doação, comodato ou aquisição. Fato é que não se sabe do destino da “vasta e magnífica biblioteca” (Facó in Sobrinho, 1956, p. 88) de Studart. O diplomata Rubem Amaral, que tem laços familiares com o Barão, escreveu um depoimento sobre a situação:

“Considero provável a falta de interesse dos herdeiros pela papelada histórica, que devia ocupar bastante espaço, bem como o desconhecimento de seu grande valor documental etc. De fato, nenhum de seus filhos herdou a veia de historiador, que foi reaparecer um pouco num dos netos, mas que não se destacou muito.

Com a morte do Barão, o sobrado em que morava no Centro foi incluído na partilha da herança. Acho que os herdeiros eram dois filhos e uma filha. Ele possuía também outros imóveis, alguns dos quais couberam ao meu tio, que também se chamava Guilherme como ele, e que morara com o pai até a morte deste. Certamente por causa da partilha, teve de mudar-se. E acho que foi aí que se deu o abandono do arquivo. De qualquer modo, não conheço bem essa história. Não sei a quem coube o sobrado, mas acho que não foi a ele.

O que me recordo no tocante à biblioteca, é que meu tio, que passou a morar numa casa certamente menos espaçosa, tinha uma estante onde havia várias obras que pertenceram ao Barão, bem encadernadas. Creio que já lhe dei ideia das de que eu recordo: a *História Universal do Cantu* (uns 15 volumes), a *História do Império* de Tobias Monteiro, também em vários volumes, e, se não me engano, a *História do Consulado e do Império*, do Thiers.

Havia um belo volume do poema herói-cômico do Antônio Diniz da Cruz e Silva, *O Hissope*, com uma bonita dedicatória ao Barão de suas alunas do Instituto de Humanidades. Este volume me foi dado de presente pela minha tia, mas ficou em Fortaleza quando mudei-me para o Rio e desapareceu. Isso devia ser uma fração muito pequena da biblioteca do Barão. Depois da morte do meu tio, sei que minha tia andou procurando vender esses livros, pois estava de muda para o Rio, mas ignoro o resultado. Parece que não lhe ofereceram grande coisa.

Havia na mesma estante muitos números da *Revista do Instituto do Ceará*, alguns dos quais eu tirei para mim, e alguns livros jurídicos, que talvez fossem mesmo do meu tio, pois ele era bacharel em Direito. Também fiquei com alguns desses livros, dois ou três, quando entrei para a Faculdade. Grande parte das revistas eram posteriores à morte do Barão. Certamente eram enviadas ao meu tio pelo Instituto.

Também havia uma edição portuguesa em grande formado do *D. Qui-xote*, ilustrada por Doré, mas que já estava toda desencadernada. Eu gostava de admirar as estampas.

O resto dos livros eram obras espíritas, principalmente de Alan Kardec, Almanques do Pensamento etc., que pertenciam à minha tia.

Finalmente, havia uma caixa de sapatos com fichas que continham principalmente dados que creio que serviram para a elaboração do *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, pequenos recortes, muitos deles soltos ou colados em fichas de cartolina ou em páginas de antigos catálogos de automóveis, tudo de cambulhada com alguns outros itens, dos quais eu resgatei uma credencial do Instituto do Ceará no I Congresso Brasileiro de Geografia, realizado no Rio em setembro de 1909, no qual o Barão deve ter representado o Instituto, e a cópia de

uma carta do Barão a Affonso E. Taunay, de 22.04.12, naquela letra inconfundível e assinada. Outro dia consegui localizar no meu baú esses documentos, que eu havia estado procurando em vão. Também retirei os catálogos de automóveis, dos quais descolei os recortes.

Outra coisa que eu resgatei naquele tempo foi um grande volume em que o Barão havia anotado atas das sessões das câmaras municipais do Ceará em que tinha sido declarada a abolição da escravidão. Infelizmente, teve o mesmo destino do *Hissope*. Mas trata-se de textos que certamente foram impressos na Revista do Instituto.<sup>107</sup>

Em São Paulo podemos também encontrar diversos causos, não apenas de bibliotecas de instituições públicas, como de bibliotecas particulares, a exemplo da coleção do Barão de Studart. O descaso, é importante frisar, muitas vezes ocorre na incorporação dessas bibliotecas particulares às públicas:

“Quanto eu entrei na faculdade como estudante, nós funcionávamos ainda num prédio que era da antiga reitoria da USP, e nos corredores, isso era na década de 60, nós víamos vários caixotes permanecer muito tempo, e eu fiquei sabendo [da história] – meu pai gostava de livros e conhecia o Yan de Almeida Prado, que era um colecionador que tinha vendido a sua biblioteca de obras raras para a USP, mas essa biblioteca ficou encaixotada muito tempo em lugares provisórios<sup>11</sup>.”

A biblioteca de Yan acabou incorporada ao IEB, outras, no entanto, não tiveram tal sorte. Mais uma história envolvendo a USP, contada por livreiros paulistanos, é a da venda de um galpão de livros, repleto de obras raras, a um livreiro chamado Lisboa – isso há aproximadamente 25 anos. A venda teria sido ocasionada pelo pedido de desocupação do galpão. Ainda em São Paulo, a biblioteca de José Carlos Macedo Soares, pelo que relataram livreiros de São Paulo, foi vendida para a Biblioteca Municipal, sendo que parte dos livros foi parar na Assembleia Legislativa, mas essa parte acabou molhada e descartada. Ainda é possível encontrar esses livros circulando no mercado livreiro.

10 – E-mail de 20 de maio de 2011.

11 – Trecho de entrevista com a profa. Ana Maria Camargo.

É interessante observar quão pouco é preciso para que não apenas algo desapareça, mas também o registro de sua existência: basta algum desinteresse e a passagem do tempo – não muito tempo. Exemplo disso é a biblioteca de Olavo Dias da Silva. Os livros que pertenceram a esse genealogista paulista e, ao que tudo indica, bibliófilo, eram muito bem encadernados em meio-couro vermelho, padronizados, portavam seu *ex libris* e continham, muitas vezes, anotações e comentários relacionados a seus estudos de genealogia – chegou mesmo a fotografar moradas de indivíduos citados nas genealogias e colocá-las ao lado das sucintas biografias. O livreiro que comercializou essas obras relatou tê-las recolhidas abandonadas ao relento, após aviso de um carroceiro<sup>12</sup>. Quem quis apagar a memória dessa coleção quase o conseguiu. Em São Paulo, a Biblioteca Municipal Mario de Andrade é lembrada por Rubens Borba de Moraes, assim como a Biblioteca Nacional, ao pensar no destino de seus livros:

“Não, lá [na Biblioteca Municipal] não iriam parar meus livros para serem brutalizados por funcionários incompetentes e leitores indignos de manejarem livros raros.

O fato é que, no Brasil, não há ainda instituições públicas capazes de conservar dignamente livros preciosos e raros. Em poucos anos destroem tudo por incompetência e *laisser aller*. Haja vista o que aconteceu com as doações que recebeu a Biblioteca Nacional. Não, meus livros não teriam o destino da coleção Teresa Cristina, José Carlos Rodrigues e tantas outras doadas à Biblioteca Nacional! (MORAES, 2010, p. 232)”

Na “Ilustrada” da *Folha de S. Paulo*, a 21 de fevereiro de 2000, a matéria “Cupim consome biblioteca de Santos” é destaque:

“Um acervo de quase 50 mil volumes, com raridades do século 17 ao 20, está ameaçado pelo mofo, pelas traças e pelos cupins em uma das mais importantes e ignoradas bibliotecas paulistas.

---

12 – Conheço a história por ter comprado do livreiro paulista um lote de livros que pertencera ao bibliófilo.

Sem apoio, a Sociedade Humanitária dos Empregados no Comércio, de Santos (SP), fundada em 1879, luta contra a deterioração dos livros, resultado da falta de recursos para a conservação.

(...)

A Humanitária, como é mais conhecida em Santos, conta com recursos de cerca de R\$ 9.000 mensais (...) A escassez de recursos está, aos poucos, transformando em pó coleções (...)” (Siqueira, 2000)

Neste caso em específico, os recursos não são tão ruins quanto os faz parecer o repórter. Está claro que a biblioteca foi tratada com descaso por muito tempo e, quando decidiram recuperá-la, aí sim os recursos se mostraram insuficientes. De qualquer forma, a biblioteca estava conveniada à prefeitura desde 1992. No mesmo prédio, está a Academia Santista de Letras. A principal figura para ambas instituições é Martins Fontes, que deixou sua coleção para a Humanitária, tendo em vida servido como médico para seus sócios.

Em Porto Alegre, nos poucos dias que lá permaneci, me foram relatadas várias histórias que se enquadram nesse contexto do descaso com livros pelo país. Instado a contribuir com alguns dos casos da cidade, Marcos Lindenmayer fez-me o favor de escrever um breve texto<sup>13</sup> sobre algumas das histórias:

“Agora só o que me recordo é do caso da biblioteca Eichenberg, que foi comprada pela UFRGS [em 1969] e passou a integrar o acervo da Biblioteca Central. Inicialmente projetada para receber apenas obras de referência, de uma hora para outra a Biblioteca Central se viu com um acervo de mais de 30 mil livros, de uma das melhores coleções do Brasil. Enviaram um bibliotecário à Biblioteca Nacional, para fazer um curso sobre preservação de acervo e acharam que aquilo seria o suficiente. Bem, até hoje ela não está toda catalogada – e já faz 41 anos desde a compra. Nesse meio tempo, tentaram fazer uma seleção das obras raras, mas como não havia critério, deixaram nas estantes primeiras edições várias (Camus, Kafka, Victor Hugo, Balzac, Machado) e outras, de baixa tiragem, das quais não se tem mais notícia.

13 – Em e-mail de 5 de outubro de 2010, minimamente editado.

Estima-se que, nisso, cerca de 10% do acervo tenha sido dilapidado, principalmente depois que se descobriu que a sala de “obras raras” não tinha acesso restrito e era utilizada como dormitório pelos estagiários... Além disso, o próprio reitor, à época, achou que presentear pessoas com volumes do acervo não seria algo de todo ruim.

Ainda: Guilhermino César. Dizem que o seu acervo foi para o Instituto Estadual do Livro, mas o fato é que ele se encontra disseminado por tudo quanto é banca de livro usado – ao que parece só uma pequena parte foi entregue àquela instituição e um de seus filhos passou os últimos dez anos vivendo das boas graças de uns poucos colecionadores - menos mal. Eu mesmo já juntei vários exemplares do velho de Cataguazes.

Mais: Assis Brasil. A famosa biblioteca do Castelo de Pedras Altas era feita de jacarandá. A combinação jacarandá, paredes de pedra, umidade e falta de ventilação acabou resultando desastrosa. O prédio e tudo o que havia ali dentro era patrimônio histórico. Acontece que é muito mais comum arrastar uma poltrona de um canto da sala para o outro do que tirar um livro da estante. Quando finalmente o fizeram – sabe-se lá quantos anos os sobrinhos que cuidavam do imóvel precisaram para que o interesse fosse despertado – grande parte da biblioteca que, entre outras coisas, tem a primeira edição da *Encyclopédie*, estava danificada a tal ponto que restaurar pareceria um desperdício.”

Voltando às histórias da mais antiga capital do país, elas infelizmente não se encerram apenas nas da Biblioteca Pública, mencionada por Alfredo de Carvalho. Em carta aberta, o jornalista Luís Guilherme Pontes Tavares<sup>14</sup> apresenta uma dessas situações de desmazelo:

“Concluí há dias o levantamento das obras impressas (entre o final do século XIX até o início da década de 1920) pela Typographia Bahiana de Cincinnato Melchiades que fazem parte da valiosa e malcuidada biblioteca da Associação dos Empregados no Comércio da Bahia, instituição que comemorou 100 anos em janeiro último. Passei os olhos sobre a folha de rosto de cerca de 10 mil volumes e localizei menos de uma dúzia daquilo que procurava. No entanto constatei, em crescente

14 – Travei contato com Luís Guilherme no Rio de Janeiro, durante o II Seminário Brasileiro do Livro e História Editorial (LIHED).

indignação, que percorrerá páginas cobertas de poeira, fungos, comidas de traça e danificadas pela umidade, milhares delas impressas na Bahia, no Rio de Janeiro, no Porto, em Lisboa e em Paris no século XIX. Vou repetir: ali estão em torno de seis a sete mil livros impressos entre 1818 (!) e 1900, portanto, uma preciosa, porém danificada biblioteca do século XIX.<sup>157</sup>

Luís Guilherme continua tratando do estado das obras, além de elaborar uma lista destacando títulos relevantes, para que se tenha ideia do acervo que se está pondo em risco. No entanto, ainda mais chocante é o histórico da biblioteca da Faculdade de Medicina da Bahia. Ao procurar pela internet, pode-se encontrar diversos relatos do estado de abandono da biblioteca:

“Ainda que de forma menos perceptível ao visitante, o prédio rosa de hoje é também um *lugar de memória* do descaso para com a ciência no Brasil. Esse descaso se manifestou tragicamente quando, na noite do dia 2 de março de 1905, um incêndio que poderia ter sido controlado, segundo a imprensa da época, caso os bombeiros tivessem sido mais eficientes e melhor aparelhados, destruiu completamente a Biblioteca e algumas dependências da Faculdade, inclusive o Gabinete de Medicina Legal dirigido por Nina Rodrigues. Perderam-se então os 22.000 volumes da mais preciosa Biblioteca Médica do país. Foi assim também em outubro de 1951, quando outro incêndio destruiu o pavilhão da frente da Faculdade de Medicina da Bahia. E, se os dois incêndios podem ser tidos como fatalidades, o mesmo não se pode dizer do que a incúria permitiu que sucedesse, em nossos dias, com a biblioteca reconstituída depois do incêndio de 1905 graças às doações feitas por professores, por particulares e por instituições.

Abandonada, a Biblioteca viu seu telhado ruir, o mobiliário perder-se pela ação da chuva bem como uma parte significativa dos livros, alguns deles muito antigos. Como tantas vezes acontece, depois do desastre consumado, foram tomadas providências e um investimento significativo foi destinado à restauração do que ainda possa ser recuperado. Uma pequena equipe de bibliotecários, restauradores e estagiários dedica-se a essa tarefa, em salas sem ventilação, e – ao menos até dezembro de 2005 – sem os equipamentos necessários para um

15 – Texto de 11 de setembro de 2000, que me foi enviado por e-mail pelo autor.

trabalho profissional sério. Quando da recente visita de um Ministro de Estado às obras de restauração, em lugar de expor as reais necessidades de equipamentos e de pessoal especializado, o que foi mostrado foram os livros já higienizados e recuperados, mas não o subterrâneo irrespirável onde se amontoam milhares de livros ou o galpão vizinho a uma carpintaria, de portas abertas para um pátio interno por onde circula quem quiser e com as vidraças das janelas quebradas, repleto de livros, teses, periódicos científicos e de sacos e mais sacos de lixo com livros irrecuperáveis, alguns deles preciosos, fossilizados pela ação da chuva e do calor na antiga biblioteca ou carcomidos pelas traças.” (Neves<sup>16</sup>, s/d, s/p)

Por último, não se poderia deixar de mencionar Brasília, sede de inúmeras bibliotecas setoriais, ministeriais, institucionais. Apesar da pouca idade – apenas 50 anos –, a cidade acumula já seu bom número de causos, como a da importante biblioteca da Imprensa Nacional, que passou anos encaixotada em uma garagem de um edifício público, ou da biblioteca de certo ministério militar que foi posta inteiramente no lixo e, felizmente, recuperada por um sebista.

Talvez a mais exemplar seja a situação da Biblioteca Central da UnB (BCE), uma das mais importantes bibliotecas universitárias do país, que viveu por ao menos duas décadas uma situação de abandono e descaso, sendo responsáveis tanto a comunidade acadêmica (professores, alunos e servidores) quanto especificamente seus funcionários. Com um prédio que não comporta mais o crescimento do acervo desde meados dos anos 1980, recebendo dezenas de milhares de volumes em doação todo ano, o desfecho não poderia ser positivo: milhares de livros nos porões – o espaço para guardá-los exíguo. Com a abertura de um grande salão de leitura, foi feito contrato com uma recicladora de papéis, que passou a buscar caminhões de livros na Biblioteca. Esse descarte indiscriminado de obras foi tamanho e de tal forma burlesco que um grupo de alunos acabou por gerar mudanças no rumo da Biblioteca, com a entrega de um relatório da situação ao reitor que culminou na volta da direção a um docente do

---

16 – Para maiores detalhes e fotos: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciae-preconceito/lugaresdememoria/faculdadedemedicinadabahia.htm>



Departamento de Ciência da Informação, fato que não ocorria há décadas. Segundo depoimento em monografia defendida na própria universidade:

“Durante a greve de 2007, foram descartados milhares de livros em poucos dias, de forma absolutamente indiscriminada, denominado por alguns funcionários, bibliotecários e estagiários de “a devassa”. Os livros tinham sua folha de rosto rasgada e eram, então, juntados para serem recolhidos pela empresa de reciclagem, cujo contrato data de pouco antes da expansão das salas de leitura, onde antes encontrava-se um grande estoque de livros do Intercâmbio.” (Borges, 2009, nota 1, capítulo 1).

O aluno continua seu relato gráfico, em primeira pessoa, sobre as origens de seu envolvimento com esses livros:

“Foi quando ao final de uma manhã de trabalho, ao sair do lado direito do depósito, pude ver a cena que não sai da memória: algumas pessoas de máscaras, a maioria apenas de luvas, nenhuma de óculos protetor, jogando [fora] sistematicamente diversos livros que pude perceber que estavam no lado esquerdo do depósito.

O procedimento não parecia ter critérios. Quando pude perguntar os critérios, no dia em que fui convocado a largar o trabalho [de catalogação] com os livros da Xerox para rasgar folhas de rosto [procedimento adotado antes de enviá-los à reciclagem] destes livros que descobri serem bem antigos, me disseram que era o meu interesse que devia decidir. Ou seja, bolsistas do curso de engenharia, por exemplo, ou coisa que o valha, tinham total liberdade para decidirem se o livro deveria ficar ou ir embora. Uma questão de *gosto*.

Foi quando dei início à minha participação no trabalho retirando do lixo um livro que havia sido jogado ali, na minha frente. Ao retirar o livro do lixo recebi um imperativo: “Por que você tirou do lixo? Quem é você?” Retirei minha máscara, meu óculos, e retruquei à pessoa que me interpelou que o livro era um Chateaubriand raro, que ela não sabia o que estava jogando fora. Isso me gerou inúmeros problemas e pude ver que ali, pegando os livros do lixo eu não poderia fazer muita coisa.

Tratei logo de saber para onde eles iam, se iam ser doados, se estavam indo pra outro lugar, se seriam jogados fora mesmo. Descobri que estava tudo indo para uma sala que fica em frente à entrada de serviço da Biblioteca Central. Lá, durante todos estes 15 dias, os livros foram crescendo, crescendo, até quando eles chegavam no teto da sala e vinha um caminhão recolhê-los.

Foi quando me aproximei da sala, que ficava aberta para receber os livros do depósito, e comecei a separar os livros de grandes coleções, coleções que fui conhecendo ali mesmo, durante o procedimento de descarte aleatório. Como (...) me viam catando os livros, colocando-os em caixas, comuniquei imediatamente a estes que me disseram que já que estavam sendo jogados fora, eu poderia recolhê-los, solicitar uma doação formal, agilizar um documento, salvando alguns dos livros. Inúmeros bolsistas tocados com a situação chegaram a me ajudar a recolher livros.

No dia em que a própria diretora me viu catando os livros da sala suja em que eles eram despejados, eu *desci* da pilha de livros em que estava para falar-lhe sobre o procedimento, informando que iria ao intercâmbio solicitar uma doação. Sendo autorizado por ela, assim foi feito. Levei as caixas de livros separados imaturamente por mim ao setor de intercâmbio da Biblioteca Central, e lá fui informado de que um funcionário (...) deveria contar os livros, escrever em cada caixa a quantidade de livros que dentro deveriam estar carimbados, um por um. O passo seguinte seria registrar uma remessa de doação, que seria assinada pela chefe do setor de Intercâmbio e pela segurança da Biblioteca. Assim foi feito. No dia em que consegui estes livros me foi dada a prova do crime que aconteceu na UnB em 2007.” (Borges, 2009)<sup>17</sup>.

Entre as milhares de obras descartadas, portanto, algumas foram salvas do fim certo e, examinando essas obras, podemos ter uma ideia do que se perdeu. Testemunha do descarte, o *Dictionnaire bibliographique, ou nouveau manuel du libraire et de l'amateur de livres*, de Etienne Psaume<sup>18</sup>, editado em Paris (1824), foi uma dessas obras. Classificado

17 – Extratos do primeiro capítulo da monografia.

18 – Biografia: <http://claude.sallet.pagesperso-orange.fr/histoire%20e%20psaume.htm>

inicialmente como obra rara pelos próprios biblioteários (nos. 93 e 94 do catálogo), esse erudito trabalho de referência em dois volumes, edição única, tem valor de mercado entre 200 e 300 dólares. Caso realmente não fosse de interesse para a biblioteca central de uma grande universidade manter importantes obras de bibliografia, essas decerto interessariam a outras instituições e poderiam ter fim mais digno do que as caçambas de caminhões de reciclagem. Notou-se, no exame das obras salvas, que o caminho compra > classificação como obras raras > coleção de referência > depósito > reciclagem, não foi incomum. Isso, claro, com os livros que tiveram o privilégio de circular, pois muitos sequer saíram do depósito, sequer foram abertos, classificados ou catalogados.

Tão eloquente quanto essa monografia, é o já mencionado relatório, que contou também com diversas fotografias. Uma dessas fotografias mostra a parede esquerda do subsolo com livros abandonados em estantes em meio a poças d'água. O ocorrido, no entanto, não ficou restrito ao conhecimento de pequena parte da comunidade universitária, por conta do Relatório e da Monografia mencionados, de circulação limitada. Em reportagem do *Jornal de Brasília* intitulada “Um acervo largado às traças”, a jornalista Camila de Magalhães afirma que

“Várias pessoas afirmaram à reportagem que já viram funcionários da biblioteca jogarem livros fora e caminhões saírem com exemplares antigos para serem reciclados, em vez de doados. A direção da Biblioteca Central nega as acusações.

(...)

Ao ser informada sobre as condições do subsolo da biblioteca, a reportagem foi conferir as reais condições. Chegando ao saguão do depósito, encontraram-se livros empoeirados e deteriorados, poças de água no chão e paredes com mofo. Na segunda vez que voltou ao depósito, acompanhada de funcionários da instituição, a reportagem se deparou com uma situação diferente. Não havia mais sacos, o local começava a ficar limpo e organizado. No entanto, várias coleções e teses continuavam nos corredores.” (Magalhães, 2008)

São por essas e outras histórias que bibliófilos mais informados, donos de importantes acervos, preferem vender seus livros para livreiros, consigná-los em leilões, ou distribuí-los entre amigos do que fazer doações a instituições públicas. No início de seu *O bibliófilo aprendiz*, Rubens Borba de Moraes fala da importância dos colecionadores particulares, em especial em países como o Brasil, onde, dado o descaso, não fosse o colecionador particular, os bichos, a sujeira e o clima destruiriam tudo o que nosso passado nos legou. Ele diz, portanto, que a bibliofilia não é só um passatempo, mas uma obra de benemerência; afirma que, no Brasil, pelo clima nefasto, um livro, se não for bem tratado, dentro de pouco tempo estará destruído. “Uma obra impressa no Brasil no século XIX, isenta de furo de bicho, é coisa rara” (Moraes, 1975, p. 28). Pouco é feito, mesmo que muitos tenham ciência do problema, como fica claro por este depoimento de Mindlin:

“Se nós vivêssemos nos Estados Unidos ou na Europa, e eu deixasse a biblioteca para uma das grandes universidades ou bibliotecas de livros raros, teria uma segurança de conservação. Aqui, infelizmente, essa segurança não existe, pois mesmo as boas instituições não têm assegurada a sua continuidade administrativa. Um amigo meu, quando diretor do Instituto de Estudos Brasileiros da USP – uma ótima instituição, diga-se de passagem – me sugeriu um dia que eu deixasse a biblioteca para o IEB. Disse-lhe que iria fazer uma pergunta, e que me guiaria por sua resposta. A pergunta foi simplesmente se ele podia me garantir a conservação da biblioteca como ela devia ser conservada. Ele pensou um pouco e me disse que não, o que com certeza os diretores de outras instituições também diriam.” (Mindlin, 1990, p. 31)

A dificuldade de se estruturar uma fundação particular, os custos e a logística para gerenciar uma grande biblioteca, não são nada simples. Mindlin terminou por ceder sua Brasileira, com 17 mil títulos, à USP, onde está sendo construído um prédio condigno para abrigá-la – a biblioteca do IEB compartilhará também do espaço. Mais uma vez, portanto, um grande acervo foi confiado a uma instituição pública brasileira. Espera-se que, dessa vez, tenham consciência do que têm em mãos e consigam gerar uma cultura institucional que valorize essa grande biblioteca. Os

pessimistas (ou seriam realistas) repetiriam com Alphonse Karr: *plus ça change, plus c'est la même chose*.

Márcio Moreira Alves, na introdução ao segundo volume do catálogo de obras raras da Câmara dos Deputados, elaborado em torno da seleta coleção de duas centenas de itens que fora dele adquirida, comenta que por uma pequena diferença de votos o parlamento norte-americano aprovou a aquisição da biblioteca de Thomas Jefferson, que iria ser o embrião da Biblioteca do Congresso dos EUA, já que a anterior se havia perdido num incêndio. Por essa votação tão apertada, comenta ele que "(...) nenhum parlamento está isento de ignorantes" – provavelmente uma referência à dificuldade encontrada na aquisição de sua própria coleção pela Câmara dos Deputados, aliás, uma seleta coleção de livros e documentos referentes à história brasileira, que pode ser apreciada no segundo volume do Catálogo de Obras Raras da instituição.

O próprio Márcio Moreira Alves, no entanto, já havia sido vítima dos bibliófagos, por conta de sua saída brusca do país, conforme relato do bibliófilo ao livreiro Richar Ramer<sup>19</sup>, *circa* 1979:

---

19 – Em e-mail de 11 de maio de 2011. Na versão em português fiz alguns pequenos cortes, segue a original:

*This is the story, as best I recall, as told to me by Marcio ca. 1979:*

*Marcio's parliamentary career, including his "Lysistrata" speech is a matter of historical record. In 1968 the military closed down the Parliament, Marcio lost his Parliamentary immunity, and became a hunted man. He was helped to keep in hiding and escape from Brazil by relatives who, to put it mildly, did not share his political views. His second wife was a French princess from the house of Bragança-Orleans, and she had some eighteenth- and early nineteenth-century books in old bindings with coats of arms on the covers from some of her ancestors. In 1968 Marcio knew little or nothing about antiquarian books. But he was an educated man who understood that these books might have some interest, so he carefully had them boxed up and left for safekeeping on one of his plantations. During the course of his ca. ten years in exile, first in France and then in Portugal, I believe, he began to frequent antiquarian bookshops, perhaps for lack of more exciting pursuits. When I met him for the first time in Lisbon shortly after the April 25, 1974 revolution, he was already collecting Brasiliana. When the amnesty was declared in Brazil (1978? 1979?) he returned almost immediately. There were parties in his honor, etc. One of the first things he did was to visit the plantation where he had left his wife's books, for now he would be better able to understand them. Unfortunately, when he opened the boxes, there was only sawdust.*

Sua segunda esposa era uma princesa francesa da Casa de Orléans e Bragança, e ela tinha alguns livros do século XVIII e XIX em encadernações antigas com brasões de alguns de seus ancestrais. Em 1968 Márcio pouco ou nada sabia de livros antiquários. Ele era, no entanto, um homem culto e sabia que os tomos podiam ser de interesse. Ele, então, os acondicionou cuidadosamente em caixas e os deixou em uma de suas fazendas. Durante sua estada de aproximadamente dez anos em exílio, ele passou a frequentar livrarias-antiquárias, talvez pela falta de oportunidades mais emocionantes. Quando eu o conheci em Lisboa pouco após a revolução de 25 de abril de 1974, ele já colecionava Brasileira. Quando a anistia foi declarada no Brasil, ele voltou quase que imediatamente. Uma das primeiras coisas que ele fez foi visitar a fazenda onde tinha deixado os livros de sua esposa, pois agora poderia compreendê-los. Infelizmente, quando ele abriu as caixas, havia apenas serragem.

Apesar das difíceis condições de preservação nos trópicos, por conta da umidade, do calor, dos insetos, é mesmo o descaso o maior responsável pela perda de importantes coleções bibliográficas. No início de 2011, circulou na lista de discussões da Ancib (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Ciência da Informação) um texto escrito por Pedro Sanches, professor de Museologia da UFPel, intitulado *Jornais do século XIX viram lixo em Pelotas*:

“Há pouco mais de 15 dias, em fins de abril/inícios de maio, a cidade de Pelotas, que até agora tinha se caracterizado por buscar a preservação da história e da cultura da cidade e do país como um todo, foi palco de uma situação completamente absurda e injustificável: a direção de sua biblioteca pública, que é gerida por uma associação privada, simplesmente enviou para reciclagem, uma parte importante da história da cidade e da região! Livros, jornais, diários e mais monografias e documentos impressos (não se sabe exatamente o total do que foi descartado, nem quem definiu o que seria jogado fora), mas enfim, o suficiente para encher mais de um caminhão pequeno, foi enviado para recicladores. E só não foi parar no lixo mesmo porque, num episódio rocambolesco e pouco explicado, foi “salvo” por um dono de sebo, que imediatamente o comprou e o pôs a venda como uma mercadoria qualquer.

Entre eles, por exemplo, uma das únicas, senão a única coleção do jornal *A Federação* do ano de 1904. Vários outros anos inteiros deste jornal também foram literalmente jogados fora, sob a justificativa de “estarem duplicados”. Mas a catástrofe cultural vai muito além, pois todos os jornais encadernados, que eram duplos, e que se encontravam no porão da biblioteca, como os jornais *Correio Mercantil*, *Opinião Pública*, *Diário Popular*, também tiveram o mesmo fim. Estes são alguns dos jornais pelotenses mais importantes do XIX e XX séculos, e ficamos agora reduzidos apenas a sua coleção em uso, e cuja digitalização tem sido protelada por interferência direta da própria diretoria.”

Certamente tantas outras coleções relevantes, por vezes únicas, se perderam sem que delas nada tenha restado. Nossas instituições já não têm capacidade, seja por falta de recursos, seja por falta de preparo, de construir tais fundos de conhecimento. Uma vez, no entanto, que esses importantes acervos sejam a elas incorporados, o mínimo que delas deveríamos cobrar é um tratamento condigno: que eles sejam identificados, classificados, catalogados e divulgados, que sua preservação seja assegurada, permitindo assim a continuidade da construção da memória coletiva.

### Referências bibliográficas

Correspondência com Luís Guilherme Pontes Tavares

Correspondência com Richard Ramer

Correspondência Rubem Amaral

Correspondência com Marcos Lindenmayer

Entrevista com Ana Maria Camargo

BORGES, Bruno de Alves. *Deus me livros: bibliofilia e marginálias nas Letras*. Brasília: Universidade de Brasília (monografia), 2009.

CARVALHO, Alfredo de. *Bibliotheca Exotico-Brasileira*, vol. 1. Organizada por Eduardo Tavares. Rio de Janeiro: Pongetti, 1929. 385p.

DIAS, Gonçalves. *Exames nos arquivos dos mosteiros e das repartições publicas para collecção de documentos históricos relativos ao Maranhão*. Rio de Janeiro: Revista do Instituto Histórico e Geographico do Brazil, 1853. pp. 370-384. Disponível em: <http://www.ihgb.org.br/rihgb.php?s=p>

- DOYLE, Plínio. *Uma vida*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 1999. 132p.
- MAGALHÃES, Camila de. “Um acervo largado às traças”. *Jornal de Brasília*, caderno VIVA!, p. 3, segunda-feira, 17 de novembro de 2008.
- MELLO MORAES FILHO, Alexandre José de. *Phytographia*. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1881.
- MINDLIN, José (entrevista com). *Revista Bric a Brac IV*. Brasília: Bric a Brac, 1990, pp. 24-37
- MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Brasília: Briquet de Lemos, 2006. 259p.
- MORAES, Rubens Borba de. *Testemunha ocular (recordações)*. Brasília: Briquet de Lemos, 2010. 308p.
- NEVES, Margarida de Souza. “Faculdade de Medicina da Bahia”. Disponível em: <http://www.historiaecultura.pro.br/cienciaepreconceito/lugaresdememoria/faculdadedemedicinadabahia.htm>
- RANGEL, Rosângela Florido. *Sabadoyle: uma academia literária alternativa?* Rio de Janeiro: FGV (Dissertação de Mestrado). 2008. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2150/CPDOC2008RosangelaFloridoRangel.pdf?sequence=1>
- Sanches, Pedro. “Jornais do século XIX viram lixo em Pelotas”. E-mail para lista de Discussões da ANCIB, 2011.
- SIQUEIRA, Fausto. “Cupim consome Biblioteca de Santos”. *Folha de S. Paulo*, Ilustrada, 21 de fevereiro de 2000, p. 6.
- SOBRINHO, POMPEU (et al). *Barão de Studart*. Fortaleza: Instituto do Ceará, 1956, 257p.

Texto apresentado em junho/2012. Aprovado para publicação em agosto/2012.